

ENSINAR GEOGRAFIA COM MÚSICA: REFLETINDO AS POSSIBILIDADES DE AMPLIAR APRENDIZAGENS NO ENSINO MÉDIO

Regilaine de Castro Amaral **PESSOA**
Graduada do Curso de Geografia da Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT
Curso de Geografia, Campus de Cáceres-MT
E-mail: regilaine.pessoa@unemat.br
Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-5829-9593>

Éder Jardel da Silva **DUTRA**
Professor Assiste da Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT
Curso de Geografia, Campus de Cáceres-MT
E-mail: jardel.dutra@unemat.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9149-5242>

Marco Antonio **PAGEL**
Professor Adjunto da Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT
Curso de Geografia, Campus de Cáceres-MT
Email: marco.pagel@unemat.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0054-174X>

*Recebido
Junho de 2023*

*Aceito
Março de 2024*

*Publicado
Abril de 2024*

Resumo: O ensaio objetiva refletir as potencialidades didáticas do recurso musical ao ensino de Geografia. Na reflexão, apresenta-se o amparo teórico voltado ao desenvolvimento do ensino de Geografia com música, bem como a indicação de possíveis encaminhamentos de atividades didáticas. O aporte teórico tem o objetivo de conferir lastro às práticas de ensino, estando amparado nos estudos de Oliveira e Holgado (2016), Loureiro (2003a, 2003b), Crozat (2016), dentre outros. Os encaminhamentos didáticos com música, dispostos em sequenciamento pedagógico, consideram o desafio de posicionar o trabalho docente a disposição dialógica frente aos desafios ao ensino-aprendizagem proativo, tendo como ponto de partida os estudos do Lugar. Destacam-se três atividades orientadas ao segundo ano do Ensino Médio, que visam à

introdução aos estudos/reflexões pertinentes à globalização, refletida a partir da realidade do Lugar. O aporte de recursos didático musical nos demonstrou, nos trabalhos de pesquisa, a exímia ferramenta pedagógica tendo em vista as múltiplas ligações/aproximações com os jovens em suas atividades cotidianas, pelas vinculações de atualização perceptiva do mundo vivido, dentre outras. Por fim, convida-se ao conjunto de reflexões a contribuir e inspirar o trabalho docente com a atividade musical e, sem pretensão de apresentar mais uma receita pronta, à construção de alternativas à superação do ensino tradicional. Uma alternativa que incida no trabalho docente ao ensinar Geografia e que signifique contribuir para a construção da cidadania aos jovens estudantes.

Palavras-chave: Recurso didático; música; ensino de Geografia; ensino médio.

TEACH GEOGRAPHY WITH MUSIC: REFLECTING THE POSSIBILITIES OF EXPANDING LEARNING IN HIGH SCHOOL

Abstract: The essay aims to reflect the didactic potential of the musical resource for Geography teaching. In the reflection, the theoretical support aimed at developing the teaching of Geography with music is presented, as well as the indication of possible directions for teaching activities. The theoretical contribution aims to provide support for teaching practices, being supported by studies by Oliveira & Holgado (2016), Loureiro (2003a, 2003b), Crozat (2016), among others. Didactic approaches with music, arranged in pedagogical sequencing, consider the challenge of positioning teaching work in a dialogical manner in the face of challenges to proactive teaching-learning, taking place studies as a starting point. Three activities aimed at the second year of High School stand out, which aim to introduce studies/reflections relevant to globalization, reflected from the reality of the Place. The provision of musical didactic resources demonstrated to us, in the research work, the excellent pedagogical tool in view of the multiple connections/approaches with young people in their daily activities, through the links of perceptual updating of the world they live in, among others. Finally, the set of reflections is invited to contribute and inspire teaching work with musical activity and, without the intention of presenting yet another ready-made recipe, the construction of alternatives to overcoming traditional teaching. An alternative that focuses on teaching work when teaching Geography and that means contributing to the construction of citizenship for young students.

Keywords: Teaching resource; music; teaching Geography teaching; high school.

ENSEÑAR GEOGRAFÍA CON MÚSICA: REFLEJANDO LAS POSIBILIDADES DE AMPLIAR EL APRENDIZAJE EN LA ESCUELA SECUNDARIA

Resumen: El ensayo pretende reflejar el potencial didáctico del recurso musical para la enseñanza de la Geografía. En la reflexión se presenta el sustento teórico encaminado a desarrollar la enseñanza de la Geografía con la música, así como la indicación de posibles rumbos para las actividades docentes. El aporte teórico pretende brindar apoyo a las prácticas docentes, apoyándose en estudios de Oliveira & Holgado (2016), Loureiro (2003a, 2003b), Crozat (2016), entre otros. Los enfoques didácticos con la música, ordenados en secuenciación pedagógica, consideran el desafío de posicionar el trabajo docente de manera dialógica frente a los desafíos de la enseñanza-aprendizaje proactivo, tomando como punto de partida los estudios. Se destacan tres actividades dirigidas al segundo año de Secundaria, que tienen como

objetivo introducir estudios/reflexiones relevantes a la globalización, reflejadas desde la realidad del Lugar. La provisión de recursos didácticos musicales nos demostró, en el trabajo de investigación, la excelente herramienta pedagógica frente a las múltiples conexiones/enfoques con los jóvenes en sus actividades cotidianas, a través de los vínculos de actualización perceptual del mundo que viven, entre otros. . Finalmente, el conjunto de reflexiones se invita a contribuir e inspirar el trabajo docente con la actividad musical y, sin ánimo de presentar una receta más, la construcción de alternativas de superación de la enseñanza tradicional. Una alternativa que enfoca la labor docente a la hora de enseñar Geografía y que significa contribuir a la construcción de ciudadanía de los jóvenes estudiantes.

Palabras clave: Recurso didáctico; música; enseñanza de Geografía; escuela secundaria.

INTRODUÇÃO

A realização dos estudos de Geografia no Ensino Médio tem desafiado as práticas didáticas docentes diante de fortes indícios de desinteresse pelos alunos nos estudos secundaristas. Desinteresses que podem sobrecarregar ainda mais os índices de reprovação e, conseqüentemente, na elevação das taxas de abandono escolar, sendo a mais significativa da Educação Básica brasileira. Elevar o ensino-aprendizagem de Geografia diante do abandono escolar significa situar objetos formativos básicos de sociabilidade para vida em sociedade, bem como rever os encaminhamentos teóricos e metodológicos voltados ao ensino de Geografia.

Dita revisão requer o estímulo e/ou o despertar de interesses para as aprendizagens em Geografia. O recurso musical tem demonstrado ser um exímio recurso didático, tendo em vista as redes de múltiplas ligações/aproximações com os jovens e suas atividades cotidianas, vinculação de signos e de atualização perceptiva de mundo vivido. Considerar as possíveis ligações/aproximações ao pensamento e as práticas didáticas com o ensino significa aprofundar análises do ponto de vista metodológico suporte à reflexão geográfica que fortaleçam interações vinculadas ao ensino-aprendizagem.

A disposição da comunicação e da informação mediante a música tem sido posta em condição de destaque ao conectar o mundo de significados a plurais perfis de entretenimento juvenil e, que abre campo de possibilidades ao ensino de Geografia. Do mais, o acesso ampliado de multimídias digitais justapostas em aparelhos celulares tem requerido outros ajustes às dinâmicas de ensino em sala de aula. Esses ajustes ou direcionamentos podem buscar conter ou atribuir a finalidade didática planejada e coordenada, e com os quais se vislumbra o aproveitamento da música enquanto recurso didático, explorando as conexões entre os lugares ou as realidades vividas, e assim refletindo a dinâmica (local x global x local) e suas articulações em possíveis alternativas de ensino.

Ao pensar as alternas alternativas possíveis ao trabalho pedagógico docente, como

poderia a música potencializar o ensino de Geografia? Sendo um potencial, como poderia ser utilizado nas aulas de Geografia?

Ao dar vazão a tais questionamentos, dentre as possíveis potencialidades, cabe revisar a música enquanto um recurso didático acessível ao ensino de Geografia e, refletindo os possíveis encaminhamentos didáticos que a torne atrativa. Refletir a música enquanto recurso didático, neste ponto, partilharia demandas comuns aos demais recursos? Quais as necessidades de: a) se encaminhar o envolvimento dos estudantes no processo de ensino-aprendizagem de modo que participem ativamente no processo; b) valorizar a construção da percepção de conceitos e os integrar ao mundo empírico; c) mobilizar a didática da escuta; d) impulsionar a experimentação, a criação, o diálogo e a percepção e reflexão estética que se faz presença nos valores e virtudes sociais (moral e ética)?

São indagações necessárias a ativação de nossas percepções e reflexões indispensáveis para examinar práticas educativas que estimulem aprendizagens aos jovens estudantes de Ensino Médio. Observando as indagações, objetiva-se apresentar reflexões e possibilidades de encaminhamentos com recursos didáticos a partir da música e com as práticas no ensino de Geografia. As reflexões perpassam a revisão bibliográfica pertinente e seguem a exposição de práticas de ensino com o apontamento de atividades flexionadas ao segundo ano do Ensino Médio. O delineamento progressivo das potencialidades didáticas musical percorre a exposição, trazendo evidências das relações entre música e educação formal escolarizada.

Diante da complexidade da composição didática envolvendo a apreensão de conhecimentos mediante o desenvolvimento cognitivo, afetivo e de relações interpessoais, dentre outros, este trabalho se dedicará a considerar encaminhamentos e reflexões introdutórias ao ensino de Geografia. Elementos de perspectivas teóricas e metodológicas serão acrescidos ao longo da exposição de forma que se consiga ajustar o entendimento da expressividade musical. Em parceria desse entendimento, será feita a exposição do desenvolvimento de aprendizagens com as quais se possam estabelecer interfaces de sociabilização da ação comunicativa, bem como a expressão e construção de conhecimentos significativos do mundo vivido, tendo em vista a impulsão à criatividade e à proatividade. Sinaliza a favor de uma didática prazerosa de ensinar por sua ação comunicativa, contribuindo de maneira especial por sua expressividade comunicacional e de estímulo ao desenvolvimento do raciocínio lógico.

De modo a expor elementos didáticos voltados a ação comunicativa com e entre jovens estudantes, almejando potencializar as ações de ensino, pautaremos breves reflexões sobre os contextos e significados da música para com a educação escolarizada. Os contextos os contextos e significados da música também serão arrolados em relação ao ensino de Geografia, com o

qual se pretende ir além da revisão teórica, apontando possíveis atividades didáticas, estando-as ajustadas a introdução ao entendimento sobre a Globalização e cognitiva do Ensino Médio.

Música e educação escolarizada

A utilização da música na educação escolar buscou contribuir com o desenvolvimento do aprendizado dos estudantes, uma vez que “ela [a música] é componente histórico de qualquer época, portanto, oferece condição de estudos na identificação de questões, comportamentos, fatos e contextos de determinada fase da história, assim como seu referencial geográfico” (Correia, 2012, p. 13).

A inserção da música nos contextos da educação escolar brasileira, segundo Loureiro (2003), reportaria à disciplina de Educação Artística em 1971, sendo introduzida com a “intenção de superação da pedagogia tecnicista da época e as preocupações na formação de indivíduos criativos capazes de enfrentarem os novos desafios” (Loureiro, 2003, p. 4). Apesar do incentivo a superação da pedagogia tecnicista, pouco avançou nos anos seguintes, aguardando a chegada dos anos 2000.

Outro marco histórico importante para a educação brasileira deu-se com a implantação da Lei n.º 11.769, de 18 de agosto de 2008, a partir da qual a música ganha, além de realces educacionais, o reconhecimento legal. Todavia, Loureiro (2003) argumenta que a manutenção das amarras historicamente construídas impõe uma série de limitações, tais como: baixa reflexão metodológica à sua potencialidade músico-didática, espaços e instrumentos tecnológicos inadequados, tempo reduzido e turmas numerosas. Além do mais, inclui-se a baixa adesão de professores praticantes, que aos poucos vão se avolumando ao se darem conta das potencialidades da música enquanto recurso didático para o ensino-aprendizado na educação básica.

A baixa adesão de professores praticantes da educação musical também pode estar associada ao que Jürgen Habermas (1968) observou nas sociedades capitalistas industriais avançadas, nas quais se torna motor a dominação do racional sobre o devir social e, por isso, dissipa-se a política interpessoal pela instrumentalidade técnica. Neste cenário, “a racionalidade da dominação mede-se pela manutenção de um sistema que pode permitir-se converter em fundamento da sua legitimação o incremento das forças produtivas associado ao progresso técnico-científico” (Habermas, 1968, p. 47).

A primazia da manutenção do sistema de legitimação técnico que signifique à produção e ao progresso técnico-científico capitalista teria restrições no reconhecimento de alternativas de conhecer-se e reconhecer-se no mundo. Manutenção que desconsidera nas aprendizagens as

funções do entretenimento, da diversão e da recreação como formas de lazer, pois seria a resposta direta à “ruptura com o universo cotidiano”, a qual proporcionaria “fuga das disciplinas e coerções necessárias à vida social” (Dumazedier, 2004, p.34).

O lazer é visto como um “reparador das deteriorações físicas e nervosas provocadas pelas tensões resultantes das obrigações cotidianas e, particularmente, do trabalho” (Dumazedier, 2004, p. 32). Essa reparação se estende à função do lazer em entretenimento ao possibilitar o desenvolvimento da personalidade em atividades que estimulem a participação social, possibilitando o desenvolvimento livre nas atitudes escolares, “sempre ultrapassadas pela contínua e complexa evolução da sociedade”, chegando até as formas de “aprendizagem voluntária” (2004, p. 34).

A superação do entendimento instrumental do ensino, muitas vezes sinalizado pela recusa do aprender, tem mobilizado outros entendimentos e práticas favoráveis ao processo educativo e produtivo com a recente ampliação do debate pertinente às potencialidades didáticas da música na literatura brasileira, bem como ao ensino de Geografia. Tal ampliação pode estar associada ao avanço das pesquisas recentes sobre os contextos da educação escolarizada, expondo inclusive as mudanças estruturais de valores construídos em nossa sociedade. Observando as mudanças ao longo das recentes décadas, Loureiro (2003) argumenta que:

Valores atribuídos à música sofreram modificações, alterando concepções de ensino e exercendo influência sobre o conteúdo a ser ensinado. Presente em diferentes épocas e sociedades, e em diversos contextos da educação escolar, é possível perceber que os valores são subjacentes a cada tipo de sociedade, a qual se incumbe de estruturá-los e legitimá-los (Loureiro, 2003, p.7).

A inserção da música enquanto um dos recursos didáticos a serem empregados pelos docentes, segundo a perspectiva de Loureiro (2003), perpassa a ampliação didática docente, na qual se incluem complexos elementos de legitimação social de práticas, que têm como ponto de partida as expectativas educacionais latentes na sociedade e a confluência dos trabalhos docentes. Dados os limites da pesquisa, esta se restringiu ao exame dos contextos do trabalho docente no cenário escolar do Ensino Médio.

Refletir sobre as contribuições da educação escolarizada significa examinar as práticas e as possíveis estratégias de ensino-aprendizado a partir de seus propósitos. A educação musical escolar refere-se a “um método atrativo e realista que, em concordância com o desenvolvimento psicossocial do aluno, lhe possibilite um aprendizado prazeroso, acessível e voltado para o seu crescimento pessoal” (Loureiro, 2003, p. 9). Ajustando ao método atrativo e realista, ela teria o foco no desenvolvimento psicossocial dos estudantes, estando além do simples entretenimento

com a música. Para Ferreira (2012, p. 20), o estar além significa considerar a contextualização apreciativa e consequente, ou seja:

[...] a apreciação de músicas, de forma crítica e não apenas como forma de lazer ou entretenimento; a contextualização da música, considerando-a como um produto cultural dentro da historicidade geográfica; a composição e interpretação de músicas que tenham o conteúdo relacionado com os conceitos geográficos.

O ensino revestido de “entretenimento” pode abrir espaços para o entendimento dos conceitos geográficos, observando o seu conteúdo relacional com a contextualização de diferentes “temas que abordam o meio ambiente, a política, a economia, as contradições entre eles e alguns conflitos sociais. Esses temas que podem e devem ser abordados, estão inseridos em algumas músicas de maneira direta ou indireta” (Ferreira, 2012, p. 21).

A contextualização musical de temas ou de conceitos pertinentes ao objeto de conhecimento da Geografia e de suas práticas sociais podem considerar:

A música, como qualquer conhecimento, entendida como uma linguagem artística, organizada e fundamentada culturalmente, é uma prática social, pois nela estão inseridos valores e significados atribuídos aos indivíduos e à sociedade que a constrói e que dela se ocupam (Loureiro, 2003, p.7).

A música entendida enquanto um dos modos de conhecer e expressar o saber tende a implicar na maneira com que o trabalho docente articula os conteúdos a serem ensinados e a vinculação de significados. Essa articulação perpassa valores moldados pela sociedade/escola, otimizados e organizados pela força de trabalho docente no fazer pensar social em contato com a natureza das condições do espaço construído.

No espaço relacional construído pelas aprendizagens, emergem outros espaços de acordo com a ampliação conceitual de reflexões e a consequente incorporação de expressões sociais sobre as condições/relações do espaço vivido/ocupado atribuindo a ele a feição estética. A ampliação conceitual caracterizada pela abstração de expressões sociais e de seus vínculos estéticos e tecnológicos, para Loureiro (2003), considera a particularidade no modo com que a música estimula a consciência segundo o modo de vida da sociedade moderna, ressaltando que a “mais importante implicação desta tese é a tarefa de despertar, na mente dos jovens, a consciência da interdependência de sentimento e racionalidade, de tecnologia e estética” (Loureiro, 2003, p.7).

O despertar de consciência como fenômeno de aprendizagem relacional estabelecido entre sentimento e racionalidade, de tecnologia e estética, tende a provocar a ampliação de reflexões sobre a natureza da racionalidade estética da sociedade moderna, tendo seu viés

técnico direcionado à reprodução do capital. Esse direcionamento torna a música ou a arte musical uma função provocativa para a reflexão ampliada das reais espacialidades construídas, sobressaindo ao simples entretenimento e ao consumismo da melodia.

Ensinar com música sugere superar a concepção comercial à qual a música tem sido tradicionalmente vinculada. Significa considerar a didática musical, observando que, no:

Processo educativo musical, nada é significativo no vazio, mas apenas quando relacionado e articulado no quadro das experiências acumuladas, quando compatível com os esquemas de percepção desenvolvidos. E, nesse sentido, a música pode produzir um estado de maior flexibilidade, abrindo caminhos para um fluxo amplo de ideias, de fantasias, estreitando laços nas relações sociais, estimulando a criatividade nos indivíduos e nos grupos (Loureiro, 2003, p. 7).

O processo educativo musical articulado às experiências tende a ser significativo com o aprendizado ao aglutinar as experiências acumuladas nas percepções dos estudantes. Esse aprendizado ocorre mediante a aproximação de conhecimentos com a música em rumo ao fluxo de ideias, de flexibilidade quanto à reprodução de laços e de relações sociais, considerando superar o vazio das informações memorizadas e ressignificando-as em apreensão acumuladas com a percepção e leitura do espaço vivido.

A apreensão pautada na significância das aprendizagens que contextualiza os novos fluxos de ideias, o estímulo aos laços sociais e a criatividade situa os potenciais da didática musical ao estimular o pensar diferentes histórias e lugares significativos. Ao “ouvir uma música, podemos ser levados a pensar em diferentes lugares, talvez seja pelas descrições que são feitas nas letras das músicas ou pelos significados que podem ser atribuídos por aqueles que ouvem as músicas” (Oliveira; Holgado, 2016, p. 86).

Percorrer as letras das músicas, estimulados pela melodia, pode significar aos estudantes a ampliação de interesses pelas aulas de Geografia, em especial do Ensino Médio. Ampliação significa a reflexão ampliada do mundo, a disposição daquele que aprende a aprender, bem como daquele que ensina ao envolver a didática que satisfaça as disposições dialógicas envolvidas no processo ensino-aprendizado. Ademais, ampliação significa considerar que:

O processo de ensino-aprendizagem requer constante adequação e renovação de atividades e de materiais músico-pedagógicos, conhecimento e disponibilização de recursos metodológicos que possam promover as condições necessárias como forma de assegurar a apreensão do conhecimento musical, o constante interesse do aluno (Loureiro, 2003, p. 9).

A promoção do interesse por parte dos sujeitos de aprendizagem considera que o adequado manejo de materiais músico-pedagógicos estaria em colocar em debate situações

sociais traduzidas da “ficção” à “realidade”, proporcionando ambiente de debate a horizontes construídos pelos interesses, influências e contradições no espaço vivido. Debater os horizontes construídos significa que “a música é quase sempre vista com referência a algo além dela mesma, como suporte de identificação. Muitas vezes, especialmente para as músicas de grande consumo produzidas pelas indústrias culturais” (Crozat, 2016, p. 17).

Estar além significa refletir os sentidos orientados à identificação com o consumismo, averiguando as relações de interesses introduzidos pela indústria cultural mediante a transformação da ficção em realidade no espaço vivido e percebido. Refletir os sentidos daquela realidade construída implica considerar as produções da música popular, colocando em debate o significado da construção das realidades produzidas pelas indústrias do capital. Ainda que possa se tornar uma didática diferenciada e envolvente para os estudantes, contribuindo com o pensamento crítico e autônomo. Para Crozat (2016), o pensamento crítico pode ser estimulado a partir da música, uma vez que:

A música é quase sempre vista como referência a algo além dela mesma, como suporte de identificação. Muitas vezes, especialmente para as músicas de grande consumo produzidas pelas indústrias culturais, esta segunda função torna-se tão importante que nos perguntamos se ela já não passou a ser a mais importante (Crozat, 2016, p. 17).

A música é entendida como produção voltada ao consumo ao passo que tende a dirimir a crítica; por outro lado, a disposição reflexiva pode significar condição de pensar sobre os seus propósitos, vínculos, e conseqüentemente, a leitura de suas intencionalidades e pressões.

Com a disposição de ler a realidade, a música contribuiria associando a memória visual de paisagens e o entendimento de lugares. Assim como ocorre com outros sentidos, como o olfato e o paladar, ao fixar o cheiro e o sabor de determinada comida, a memória visual se reporta à leitura de imagens que se tem e se desenvolve de determinadas paisagens. O ensino de Geografia, ao associar a leitura de paisagens com a musical, permite o olhar observador, transpondo representações de suas formas, descobrindo características dos lugares. A paisagem, situada como a “imagem: além da metáfora, é a característica mais estável e evidente da música; a música produz imagens, e na maioria das vezes, imagens dos lugares” (Crozat, 2016, p. 19).

Segundo a perspectiva de Crozat (2016), o aprendizado com a música será impulsionado pela dimensão visual onde os lugares compostos por paisagens tornam-se objetos de estímulo à construção de conhecimentos. Estímulo que tem com “a música em si está muito relacionada ao visual: paisagens sobretudo, onipresença da espetacularização, vídeo clipe, capa de álbum... exceto pela rádio e talvez pelos *muzak* difundidos em supermercados, não há música sem

imagens” (Croizat, 2016, p. 2). O termo *muzak*, popularmente conhecido no Brasil como música de elevador, refere-se a um estilo suave de arranjos instrumentais de músicas populares.

A música, ao situar o elemento visual ajustado ao estudo das paisagens com capacidade de estimular a leitura do espaço geográfico vivido, significa ampliar:

As diversas possibilidades de análise que podem ser utilizadas para os estudos de diferentes espaços. Utilizar diferentes elementos para a investigação e o entendimento desses espaços possibilita que surjam diferentes resultados, ou seja, outras formas de entender esses espaços que fazem parte da vida das pessoas (Oliveira; Holgado, 2016, p. 88).

Entender o espaço geográfico torna-se necessário para os contextos educacionais que estimulem a ampliação perceptiva e o pensar oportunizados pela música, bem como para o aprendizado pautado em “estudos na identificação de questões, comportamentos, fatos e contextos de determinada fase da história, assim como seu referencial geográfico” (Correia, 2012, p. 13).

O referencial histórico dos contextos geográficos contextualizados pela expressão musical demonstram os elos sociais que constroem o espaço geográfico. Tal construção envolve de inúmeras maneiras os lugares e, conseqüentemente, as vivências dos jovens contemporâneos. Há que refletir as contribuições da música observando o ensino de Geografia e as diferentes possibilidades que se abrem nessa perspectiva.

A música e o ensinar Geografia

O ensinar, tido como objeto de realização da aprendizagem, tem o recurso didático musical como meio de estímulo para apreensão do pensamento geográfico. Dada a escassez das referências na literatura brasileira que tematizam o recurso didático musical voltada ao ensino de Geografia, optou-se por somar reflexões de outras áreas de conhecimento que dão suporte às análises, e por pensar a inteligibilidade do ensino-aprendizagem. Inteligibilidade a ser gestada pelo processo de ensino com aprendizagens, considerando a capacidade da música em estimular o imaginário, o conceitual e sua fixação por lugares por caminhos que a mente humana reconhece e o entendimento integrando ao cotidiano proximal dos jovens estudantes.

Entender o cotidiano proximal considera examinar a potencialidade educacional musical tendo em vista o interesse dos alunos pela música e, conseqüentemente, sua associação com ensino-aprendizagem de Geografia.

Cabe reconhecer que algumas das circunstâncias de ampliação de acesso às mídias de informação, de comunicação e de entretenimento (principalmente os celulares) têm ocupado

espaço social de lazer no ambiente escolar (mesmo em salas de aula). Ambiente em que se multiplicam os usos dos fones de ouvido que conectam os estudantes a diferentes gêneros musicais ao passo da indução ao isolamento social, com ou sem permissão da “autoridade” docente. Neste cenário tornado tão corriqueiro, dependendo do ponto de vista docente, as práticas de entretenimento dos alunos podem ser um problema para o ensino tradicional de Geografia. Todavia, as “músicas, também, representam as mudanças que ocorrem na sociedade, seja através do que dizem as suas letras ou dos valores associados a um determinado estilo musical” (Oliveira; Holgado, 2016, p. 89-90). Observando o pensamento sociointeracionista, entendemos por:

Recursos didáticos que estejam à disposição de abordagens metodológicas que rompam com o ensino tradicional de geografia, que busquem estimular ao estudante o pensar, o refletir e o interessar-se pelos temas geográficos que, por sua vez, tornam, as aulas atrativas, com elaboração crítica acerca das questões abordadas. (Arruda; Pagel, 2017, p. 6).

Pensando no rol dos recursos didáticos e suas respectivas metodologias, tem-se ampliado o reconhecimento das várias possibilidades de se orientar o trabalho pedagógico docente voltado ao ensino de Geografia, inclusive nas Referências Curriculares de Mato Grosso (2018):

O ensino da Geografia Escolar pode recorrer a procedimentos metodológicos diversos, tais como: coletar, organizar, analisar e espacializar as informações de fontes variadas, podendo apresentá-las por meio de relatórios, seminários, objetos digitais de aprendizagem, aulas de campo, filmes, literaturas, músicas, fotografias, documentários, teatro, internet, jogos, uso de mapas, imagens de satélites, softwares de geoprocessamento, ferramentas tecnológicas, questionários, e outros (Mato Grosso, 2018, p. 276-277).

As orientações metodológicas, por Mato Grosso (2018), demonstram ampliar o leque de possibilidades para o trabalho docente nas escolas mato-grossenses, e, ainda, estimular didáticas diferenciadas que valorem o ensino e o aprendizado dos estudantes. Essas possibilidades estão associadas à diversidade didática voltada ao trabalho docente que se sobressaia ao tradicionalismo do ensino da Geografia com o manejo adequado dos recursos didáticos, de modo a ampliar os interesses e aprendizagens dos temas geográficos. Assim:

O manejo adequado dos recursos didáticos postos a serviço da aprendizagem significativa requer por parte do professor práticas de superação nas diversas situações diárias conflituosas, onde o educador se depara com alunos e situações diferentes em sala de aula, por ser um público distinto, faz-se necessário a utilização de práticas diferenciadas que possam contribuir na construção de tal conhecimento (Arruda; Pagel, 2017, p. 6).

Significa a prática diferenciada como uso de recursos didáticos a disposição de superar as dificuldades no ensino, observando repercussões nas aprendizagens. Inclusive, em superar a baixa interatividade entre aquilo que se ensina com entendimento do aprendiz, resignificando as relações entre aquilo que se ensina com a práxis da vida (Callai, 2010. p. 26). A baixa interatividade também pode ser observada pelo encaminhamento didático descontextualizado, marcado pela produção em série da memorização de dados localizados, de abstracionismo, da desarticulação do conhecimento geográfico com o lugar vivido, enfim, das práticas de memorização de conceitos mediante a rotina revisora de livros didáticos. Observando os quadros reprodutivos do ensinar, interessa pensar as aulas interativas, menos “decorativas” ou reproducionistas do conteúdo geográfico, motivando o despertar do aprendizado nos alunos torna-se desafiador ao trabalho docente. Observa-se que o despertar do aprendizado requer superar as práticas que visam:

[...] sobrecarregar o aluno com milhões de informações que são inutilmente decoradas, e que acabam tornando o ensino irrelevante e exaustivos para o aluno. Porém, o principal objetivo de estudo da geografia é fazer uma análise do espaço geográfico, ou seja, o espaço onde o aluno está inserido e que exista uma interação seja comunidade, cidade, estado, nação, os conteúdos do livro didáticos, não devem ser aplicados apenas por que são obrigatórios, mas devem ter um objetivo que transcenda a sala de aula (Kaercher, 2001, p.11).

Transcender a sala de aula sugere considerar a mudança metodológica copista. A didática com música pode contribuir significativamente com as aulas de Geografia, desfazendo o ciclo vicioso do ensino da Geografia Tradicional. Deparando-se com a necessidade de mudar com a sua versão de aula “decorativa”, o estudante adentrará em outras vivências do aprender em sala de aula, o que pode tornar os conteúdos de Geografia significativos para as aprendizagens. A necessidade de mudar também exigirá a revisão de metodologias de ensino empregadas no direcionamento didático.

Muniz (2012), ao refletir sobre as dimensões metodológicas dos recursos didáticos, argumenta que:

O método diz respeito à ‘forma’ como se pretende trabalhar um ‘conteúdo’ para atingir um objetivo. O método inclui a escolha de recursos didáticos e a dinâmica da aula. Contudo, sabemos que não é o fato de fazermos uso de um bom recurso que vai garantir uma aprendizagem eficiente ao aluno, nem mesmo o recurso vem suplantando o papel do professor, mas auxiliá-lo. (Muniz, 2012, p. 91).

O recurso didático musical encontra abertura para o pensamento, uma vez que os alunos possuem interesses pela música, assim “a música surge como um elemento que pode favorecer

o trabalho didático do Professor de Geografia e, se bem utilizada, fornece possibilidades para as atividades desenvolvidas com os alunos” (Oliveira; Holgado, 2016, p. 86). Essas possibilidades pressupõem considerar que:

A música pode ser um início para a reflexão (KAERCHER, 2003), pode ser uma forma de despertar os alunos para o mundo que vivem, e, assim, seguir para a análise de diferentes elementos que envolvam a espacialidade. A partir da análise de uma música, seja pelos sons que fazem parte dela, ou pelos significados presentes na letra que faz parte da música, podemos conduzir nossos alunos a uma reflexão sobre os diferentes espaços em que estamos presentes, que podem ser o seu bairro, o seu estado, o seu país, e, até mesmo, o mundo. Pode-se iniciar pela música, seguir pelos espaços e pela sociedade, e refletir sobre a vida (Oliveira; Holgado, 2016, p. 89).

O despertar dos alunos para o mundo em que vivem permite análises de diferentes elementos que envolvam a espacialidade através da música, instigando-os e despertando-os aos significados conceituais dos lugares. Isso significa que ao “ouvir uma música, podemos ser levados a pensar em diferentes lugares, talvez seja pelas descrições que são feitas nas letras das músicas ou pelos significados que podem ser atribuídos por aqueles que ouvem as músicas” (Oliveira; Holgado, 2016, p. 86).

Aprender Geografia com música pode denotar uma forma didática distinta, fomentando as aprendizagens dos alunos no Ensino Médio, com a qual possam ampliar percepções do espaço geográfico, inclusive ao estimulá-los ao aprofundamento do entendimento do mundo que os cerca. De modo a ampliar percepções do espaço geográfico a partir de recursos do recurso didático musical, a seguir pontua-se atividades a serem realizadas em contextos de ensino de Geografia.

Atividades didáticas com música

Seguem apontamentos de possíveis atividades, com seus respectivos encaminhamentos didáticos, a serem realizadas pelo ensino de Geografia com a música. Na proposição da sequência de atividades, considera-se a introdução de reflexões que estimulem a percepção do espaço vivido, bem como a especificidade dos conteúdos voltados ao segundo ano do Ensino Médio. A atividade tem o objetivo de introduzir o conceito (segundo as feições) de globalização tendo o aporte da didática musical. A disposição de se introduzir os estudos da globalização justifica-se pela elevada carga de abstração e de complexidade, sendo-a corriqueiramente trabalhado a partir do livro didático. A carga de abstração e de complexidade por vezes é tornada elevada com os constantes hiatos gerados pelo distanciamento conceitual com o “mundo” perceptivo vivido (lugar); o que justificaria a práxis didática das atividades.

Quanto aos encaminhamentos e expectativas das práxis didáticas, ao considerar a instrumentalização da música voltada à compreensão do conceito de globalização, considera-se a elevação da percepção da realidade vivida pelos alunos. A práxis didática propõe “abrir caminhos para um fluxo amplo de ideias, de fantasias, estreitando laços nas relações sociais, estimulando a criatividade nos indivíduos e nos grupos” (Loureiro, 2003, p. 9).

No planejamento do trabalho didático, considerou-se o potencial reflexivo/provocativo na seleção musical, observando que:

Cabe ao professor fazer uma escolha criteriosa das músicas a serem trabalhadas com seus alunos em sala de aula, analisando a sua adequação com a temática em estudo, e o que está tem a oferecer para um maior enriquecimento das aulas a serem ministradas, extraindo do aluno sua posição crítica diante do estudo, buscando sempre uma correlação com a temática proposta e a realidade de vida de cada aluno, uma vez que, cada um de nós tem uma realidade de vida diferente e esta pode ser abordada de diversos ângulos (Pereira, 2011, p. 6).

Tendo como ponto de partida a realidade vivenciada pelos alunos, buscou-se enriquecer as aprendizagens com reflexões críticas sobre as diversas realidades ou ângulos em que são construídas as paisagens, as regionalidades e as territorialidades no espaço vivido. Significa ter como ponto de partida o Lugar, por considerar o ensino temático do espaço vivido pelos alunos, abordando diversos ângulos ao importar e exportar o pensar nas relações entre os lugares próximos e distantes, compondo reflexões sobre o mundo. Nesse contexto, de modo a expandir as reflexões, considerou-se o meio/horizonte motivador da *problematização*.

De acordo com Giaretton e Szymanski (2013), a atividade problematizada tem como horizonte refletir as influências da economia global no lugar e, nele, o significado social na vida dos estudantes. Problematizar o Lugar torna possível pensar o significado das influências externas nas formas que se organiza a vida sociocultural, identificando as múltiplas ressignificações e rupturas sociais ali presentes. Influências presentes na reprodução social do espaço escolar, uma vez que se entende:

A escola como um espaço situado em uma sociedade conflituosa e marcado por constantes contradições entre as relações sociais de produção e o desenvolvimento das forças produtivas, pressupõe a necessidade de se considerar os movimentos que permeiam a prática pedagógica. Prática esta que, muitas vezes pode contribuir para a reprodução destas relações, ou, pode também caminhar no sentido de possibilitar o acesso aos bens produzidos pela humanidade, e questionar estas relações, na busca pela superação das contradições (Giaretton; Szymanski, 2013, p. 2).

Problematizar o pensamento geográfico significa o ato intencional de desenvolver a práxis, elevando a abstração teórica dos estudantes, uma vez que, quando o professor propõe

realizar o trabalho com determinada problematização geográfica, ele faz a inserção perceptiva das contradições, tornando-a significativa para a aprendizagem. Isso é importante, pois:

A práxis, dentro da concepção adotada, só pode ser assim concebida, quando uma teoria embasa a prática e encontra nesta prática elementos que possibilitem o reestruturar-se constantemente para voltar à prática e promover transformações efetivas sobre a realidade (Giaretton; Szymanski, 2013, p. 3).

Observando o necessário envolvimento da práxis pedagógica, propõe-se a realização de atividades de ensino com música, situando-as como expoente recurso ao ensino de Geografia, o qual exige o planejamento cuidadoso do docente ao que se direciona o aprendizado. O planejamento de tal práxis situa-se com as atividades e encaminhamentos a serem considerados com a música, incluindo a abordagem temática e a problematização. Consideraram-se, na proposição das atividades como prática educativa de ensino de Geografia, os estudos desenvolvidos por Oliveira e Holgado (2016), Loureiro (2003a, 2003b), Crozat (2016), autores que emprestam suas contribuições para o desenvolvimento de metodologias que sejam e estejam adequadas a realidade educacional do século XXI, as quais são apresentadas em síntese.

Atividade 01: Quem são eles?

A atividade proposta buscou realizar reflexões sobre a globalização, considerando-se como ponto de partida a problematização do lugar, pois é ali que a vida cotidiana acontece e onde ocorre o contato com o mundo real pelos alunos. Considerar as categorias, observando as relações existenciais do lugar, compreende as condições das transformações e influências ali vividas, buscando explicações sociais, econômicas ou “naturais”, bem como a distinção do lugar, pois ele não se explica por si mesmo. Ao papel problematizador, o recurso didático musical, apresenta-se a música *Terceira do plural*, seguindo com os encaminhamentos didáticos pertinentes.

Corrida pra vender cigarro
Cigarro pra vender remédio
Remédio pra curar a tosse, tossir, cuspir, jogar pra fora
Corrida pra vender os carros
Pneu, cerveja e gasolina
Cabeça pra usar boné
E professar a fé de quem patrocina
Eles querem te vender
Eles querem te comprar
Querem te matar a sede
Eles querem te sedar
Quem são eles?
Quem eles pensam que são?

Quem são eles? Quem eles pensam que são?
Quem são eles? Quem são eles?
Corrida contra o relógio
Silicone contra a gravidade
Dedo no gatilho, velocidade
Quem mente antes diz a verdade
Satisfação garantida
Obsolescência programada
Eles ganham a corrida antes mesmo da largada
Eles querem te vender, eles querem te comprar
Querem te matar de rir, querem te fazer chorar
Quem são eles?
Quem... (Engenheiros Do Hawaii. Terceira do plural, 2002).

No início da atividade, é designada a organização da turma em sala de aula. De modo que todos se vejam e se ouçam, inclusive para oportunizar o debate, a organização da turma em círculo é a mais indicada. Organizada a sala de aula, há que considerar a leitura da letra da música com os alunos, seguida da apresentação sonora e, posteriormente, a revisão da letra com a apresentação musical.

Com a música vocalizada pela banda Engenheiros do Hawaii, a problematização inicial foi “quem são eles”? O entendimento de “quem são eles?” é indicado ser o objeto questionador principal; todavia, o desenrolar reflexivo pelos alunos pode revelar outros elementos explícitos e implícitos na letra/música. É importante deixar fluir a exposição perceptiva dos alunos para sentirem a sonoridade da poesia crítica que denuncia os males da globalização, da desilusão política e ideológica que a economia global impõe às sociedades. O objeto questionador torna possível encaminhar as seguintes problematizações:

O que seria a corrida para comprar e vender?
Para que a corrida do comprar, do vender e do curar?
O que seria vendido e curado?
O que significam o relógio e a velocidade?
Como se mente com a verdade?
O que é a obsolescência programada?
Por que “querem te matar de rir, querem te fazer chorar”?
O que é “Cabeça pra usar boné”?
De que formas “Eles ganham a corrida antes mesmo da largada”?
“Quem eles pensam que são?” E quem realmente são?

Cabe ao trabalho docente o estímulo ao fluir a exposição perceptiva dos alunos, anotando na lousa os pontos centrais à medida em que são introduzidos os pontos de discussão (listados anteriormente). De modo geral, a ideia é que os estudantes pensem e debatam o que é globalização pelos seus efeitos comuns no lugar. Outro elemento auxiliar estaria a cargo da

poesia sonora associada à crítica musical, refletindo as mudanças que estão sendo introduzidas no que se identifica como moderno, bem como o significado global na vida dos lugares. Ditas mudanças são comandadas pelas práticas comerciais, novas tecnologias de comunicação e informação, produzindo necessidades de consumo, de trabalho e de entretenimento.

Tomando como referência as indagações apontadas, as reflexões poderão adentrar aos inúmeros conceitos relacionadas (ou que impulsionam) a globalização (blocos econômicos, capitalismo, multinacionais, transnacionais, dentre outros); os significados de exclusão social (pobreza, marginalidade, violência, etc.) e os impactos ambientais (poluição, degradação, concentração de recursos, dentre outros). O que poderá influir no sequenciamento das questões e, nos conteúdos, estariam relacionados ao envolvimento investigativo e cognitivo dos jovens estudantes. Portanto, a prescrição de conteúdos torna-se infrutífero; apenas no apontamento de algumas indagações, quais fluidas e que podem requerer, também, adequações; sendo-nos requerido adequações com a realização da atividade nas turmas do segundo ano. Ao refletir as mudanças geradas pela globalização, Cavalcanti (2010, p. 4) argumenta que:

O processo de globalização tem sido apontado como uma das principais características da contemporaneidade. Trata-se de um processo complexo e diverso, no qual participam, mas de modo diferente, grande parte dos países, sem que isso implique maior justiça social e maior aproximação entre seus desempenhos sociais e econômicos.

Pensar o complexo processo econômico gerado pela globalização requer a compreensão de justiça social. Esse entendimento pode ser debatido com a realização da atividade posterior (1.2), na qual se propõe examinar o contexto socioeconômico a ser esmiuçado pela crítica reflexiva.

Atividade 2: Eles querem te vender, eles querem te comprar?

Após realizar a primeira atividade, uma vez identificadas formas de comprar e vender, solicita-se aos alunos que se reúnam em duplas a fim de realizarem o trabalho de pesquisa, o qual consiste em identificar produtos importados ou produzidos por empresas multinacionais no Brasil, largamente consumidos localmente.

O trabalho de pesquisa a ser realizado em grupos pode identificar segmentos fabris (e/ou integralidade corporativa) envolvidos na produção de determinados produtos e o seu comércio local. O passo seguinte é a identificação dos meios de obtenção de matérias-primas, do processamento da máquina fatura e da comercialização dos produtos por empresas multinacionais ou produtos produzidos por empresas nacionais (com componentes provindos

de outros países).

Identificados os diversos produtos elaborados por multinacionais, solicita-se a revisão dos sentidos e história de suas logomarcas. A fim de atribuir mais atenção à compreensão do processo produtivo multinacional, orienta-se que seja escolhido apenas um produto (dentre aqueles anteriormente identificados) e que sejam aprofundadas as pesquisas, para que se possam entender as fases de produção, de distribuição e de comercialização/consumo.

De posse da investigação, conduz-se o debate entre os grupos, podendo enriquecê-lo com as seguintes problematizações:

- Como se dá a extração da matéria-prima e qual é o sentido ambiental, socioeconômico e cultural para a população local?
- Quais são os lugares envolvidos nos processos de fabricação e quais são os sentidos ambientais, socioeconômicos e culturais para a população local?
- Como é apresentado o *marketing* do produto e qual é o sentido socioeconômico e cultural para a população local?
- Como se sentem ao consumir ou ao não consumir aquele produto?

Após as duplas realizarem pesquisa em fontes disponíveis, solicita-se que sejam feitas anotações das observações, incluindo aquelas geradas no decorrer da atividade. De posse das informações, os alunos são orientados a realizar a exposição das informações coletadas, sujeitando-as ao debate com os demais colegas. O objetivo da atividade consiste em socializar o entendimento das formas em que os produtos da globalização se mostram presentes no lugar, demonstrando as diferentes percepções e concepções pelos estudantes.

Atividade 03: Quem eles pensam que são?

De posse das informações e reflexões sociabilizadas, é necessário que os grupos sejam orientados à produção artística ou de áudio/vídeo, objetivando a sistematização das aprendizagens, almejando a exposição ao público estudantil.

Nesta atividade, os alunos podem compor paródias, representações teatrais e culturais envolvendo o significado social introduzido pelos produtos globalizados e no modo de vida local. Do ponto de vista visual, podem coletar exemplares de produtos globalizados ou suas imagens/logotipos expostas em revistas, em jornais, panfletos, na *web*, dentre outros, os quais podem gerar um trabalho material (objetivando a exposição de produtos e de cartazes) ou imaterial (digital).

Sugere-se, inclusive, a produção de videoclipe a partir dos diversos aplicativos

disponíveis para celulares, instigando-os a leituras espaciais na compreensão do lugar-mundo, de modo a expressar a dinamicidade das relações que se expõem e se especializam criando sentidos territoriais nas paisagens. Com a exposição dos videoclipes, dado o conjunto da informação e a exposição imagética (imagens, movimentos, sons e informações), os alunos tendem a expor e a comunicar ao coletivo juvenil as percepções sobre as implicações da globalização.

A exposição do videoclipe se encaixa na estratégia de estimular a comunicação consequente entre os jovens, além de elevar a abstração de elementos expressos nas imagens em movimento. O significado da exposição de videoclipes é expresso por Roos (2015, p. 2015, p. 55) da seguinte maneira:

Os videoclipes despertam essa capacidade rizomática, podemos estabelecer elos de pensamento na compreensão da dinâmica espacial do mundo e da espacialidade estruturante das existências. São nexos virtuais de pensamento que se atualizam no plano de consistência da obra de arte e que atualizamos na abordagem do pensamento geográfico, possibilitando outras leituras das narrativas que reverberam espacialmente no entendimento dos fenômenos no processo de localização e orientação do homem no mundo.

A produção de narrativas potencializa a construção do conhecimento, dada a força criadora das múltiplas poéticas inerentes, que reverberam nas contingências que “expõem linhas de forças que se comunicam num processo de agenciamento dos elementos/fenômenos figurando todo um plano intensivo de percepção e relação imagética” (Roos, 2015, p. 56).

A construção da percepção imagética estrutura formas singulares de conhecimento, expondo a percepção do ser existencial e marcando presença diante da espacialidade do mundo, tornando desafiador o ensino e o pensamento geográfico. Não se postula uma fórmula pronta, bem ao contrário, sugestionam-se práticas de ensino que validem o objetivo de dar conta da construção do aprender dialógico, onde aqueles que ensinam aprendem, e os que aprendem ensinam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O recurso didático musical demonstra ser um aliado do desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, envolvendo a participação dos alunos na compreensão, reflexão e aquisição de conhecimentos. Desenvolvimento estimulado pela realização de experiências com a ampliação de percepções do lugar, amplificando o fluxo de ideias, reflexibilidades e sociabilidades. Estímulo que pode gerar a superação do vazio das informações memorizadas e reproduzidas pelo ensino de Geografia Tradicional.

Ao considerar-se o recurso musical, pode-se ampliar o interesse pelas aulas de Geografia, em especial no Ensino Médio. A ampliação de interesses pode estar associada à disposição do gosto musical dos jovens estudantes e à consequente facilitação da aprendizagem de Geografia. Aprendizagem indispensável para refletir os sentidos sociais das metamorfoses induzidas nos lugares que se somam às produções da música popular brasileira, colocando em debate o significado e a construção das realidades induzidas pela indústria do capital.

Com a exposição de alguns elementos na busca por introduzir reflexões pertinentes a expressividade de recurso didático lúdico aguardamos que seja significativa a prática docente ao ensinar Geografia, ainda que seja um ensaio. E que as atividades sugeridas, possam oportunizar reflexões sobre as condições vividas pelos estudantes. Assim, abrindo outras possibilidades ao ensinar e aprender Geografia, entendendo-os como objeto e causa social engajada no propósito de uma sociedade onde o pensar e situar-se do (no) mundo seja uma premissa basilar.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, J; PAGEL, M. A. A mediação didática do ensino de geografia por recursos didáticos. *In: SEMANA DE GEOGRAFIA, 17., SEMINÁRIO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, 3., SEMINÁRIO DE PRÁTICAS DE ENSINO EM GEOGRAFIA, 2., 2017, Cáceres. Anais [...]. Cáceres: 2017. p. 1-12*

CALLAI, H. C. Escola, cotidiano e Lugar. *In: BRASIL. Geografia: ensino fundamental. Coleção explorando o ensino. v. 22. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.*

CAVALCANTI, de S. L. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. *In: SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – PERSPECTIVAS ATUAIS, 1., 2010, Belo Horizonte. Anais [...]. Belo Horizonte: SNCMPA, 2010.*

CORREIA, A. M. A música nas aulas de geografia: canções e representações geográficas. Curitiba: *Revista geografar*, [S. l.], v.7, n.1, p.138-160, jun. 2012.

CROZAT, D. Jogos e ambiguidades da construção musical das identidades espaciais. *In Dozena, A. (org.). Geografia e música: diálogos. Natal: EDUFRN, 2016.*

DUMAZEDIER, J. *Lazer e cultura popular*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FERREIRA, N. M. *A música como recurso didático na aula de Geografia*. Brasília: UNB, 2012.

GIARETTON, F. L.; SZYMANSKI, M. L. S. Atividade: conceito chave da práxis pedagógica. *In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 11., [S. l.]. Anais [...]. [S. l.]: EDUCERE. 2013. [S. p.].*

HABERMAS, J. **Técnica e Ciência como ideologia**. Lisboa: edições 70, 1968.

KAERCHER, N.A. A geografia é o nosso dia-a-dia. *In*: CASTROGIOVANNI, A. C. (org.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 3. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

LOUREIRO, A. A. M. **Ensino da música na escola fundamental**. Campinas: Papirus, 2003a.

LOUREIRO, A. A. M. **O ensino da música na escola fundamental: dilemas e perspectivas**. Campinas: Papirus, 2003b.

MATO GROSSO. **Documento de referência curricular para Mato Grosso: ensino fundamental, anos finais**. Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso. Cuiabá: SEDUC, 2018.

MUNIZ, A. A música nas aulas de Geografia. **Revista do ensino de Geografia**, Uberlândia, v, 3, n. 4, p.80-94, jan./jun. 2012.

OLIVEIRA; V.H.N &HOLGADO, F.L. Conhecendo novos sons, novos espaços: A música como elemento didático para as aulas de geografia. *In*: Dozena, A. (org.). **Geografia e música: diálogos**. Natal: EDUFRN, 2016.

PEREIRA, S. S. Reflexões sobre a prática de ensino e os recursos adotados nas aulas de geografia: a utilização de músicas em sala de aula por professores do município de Campina Grande-PB. **Geosaberes**, fortaleza, v. 2, n. 4, p. 88-89. 2011.

RODRIGUES, M. A. C. **A importância do ensino de música para o desenvolvimento infantil**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá -Paraná, 2012.

RODRIGUES, R. F. Por que repensar a escuta a partir da Muzak? **Revista Sonora**, [S. l.], v. 3, n. 6, 2011.

ROOS, D. **A linguagem vídeo(geo)gráfica: as intervenções poéticas da imagem na geografia**. 2015. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal da Grande Dourados. 2015.